

Ivaldino Tasca

Lula, nosso líder do atraso

A biotecnologia vai libertar os países pobres da eterna dependência dos países ricos. Essa afirmação foi feita por técnicos da ONU há mais 30 anos. Quem acreditou, como Cuba, por exemplo, começa a colher os primeiros resultados. Quem, como nós, brasileiros (e latino-americanos), seguiu a bandeira do atraso empunhada pelo Partido dos Trabalhadores et caterva vai lamber sabão.

Esse atraso "made in Brasil" é exportado pelo PT através do Fórum Social Mundial. Ainda recentemente na Venezuela esse povo que busca um outro mundo possível foi contra a biotecnologia e os organismos geneticamente modificados. Seria hilário se isso não perpetuasse nossa dependência e nossa pobreza. É impressionante como essa gente que diz libertadora dos pobres gosta de fazer o jogo dos poderosos. O José Bovê, por exemplo, porta-voz da

extrema direita francesa, fez a galera do atraso entrar em orgasmo ao queimar soja transgênica em Não Me Toque.

Fidel Castro, o eterno tirano, sacou que para trabalhar com biotecnologia não necessitava grandes investimentos. Começou a investir ainda quando a URSS dava mesada para manter em pé sua combalida economia. E a ilha se tornou referência em transgenia na área agrícola e médica. Com a queda do muro e do socialismo real Fidel entregou Cuba ao capital internacional e mandou aperfeiçoar seus melhores técnicos no exterior. Com dólares das privatizações e conhecimentos burgueses adquiridos ao redor do mundo os estudiosos da genética fizeram Cuba avançar.

Recentemente, para fazer Marx e Guevara se mexerem em seus caixões o governo americano autorizou a empresa CancerVex da Califórnia a licenciar experimentalmente três remédios cubanos para o combate ao câncer produzidos a partir da biotecnologia. Confirmando o que a ONU disse há 30 anos, foi a primeira vez que empresa americana de biotecnologia foi autorizada a licenciar um remédio de Cuba, "considerada, por cientistas e executivos da indústria, surpreendentemente forte para um país em desenvolvimento, no campo da biotecnologia".

A cena se repete em todos os recan-

tos. A corrida na estrada da biotecnologia movimentou investimentos extraordinários inclusive na Europa que fez beicinho contra os OGMs para ganhar tempo e empatar a corrida com as empresas americanas. E nós brasileiros, liderados pelo PT, pelos socialistas e pela esquerda anencéfala que adora pobreza e odeia tudo que possa levar ao desenvolvimento atrasamos o Brasil na área. Essa gente azucrinou até os pesquisadores da EMBRAPA como se fossem demônios e fez o Rio Grande do Sul uma sucursal das fogueiras medievais.

Aprovar a legalização do processo para lidar, no Brasil, com pesquisa e uso de organismos geneticamente modificados foi um parto. A pressão da parte da sociedade que possui cérebro levou à aprovação do processo. E o que faz, agora, o governo do presidente Lula. Nada. Ou melhor, se faz de morto e cria obstáculos para não indicar seus representantes na Comissão Nacional de Biotecnologia. Como todos sabem, sem o funcionamento da CNTBio nada avança entre nós. Com isso, o presidente Lula, que parece realmente nada saber mesmo, se torna o grande líder do atraso. Como entender que um presidente jogue contra os interesses de seu país desse modo? Será apenas ignorância ideológica? Já não sei mais!

Expodireto, por onde entra o amanhã

Quando rompeu sua relação passiva com a natureza nossos ancestrais remotos começaram a pavimentar estrada para a humanidade chegar ao atual patamar de organização e desenvolvimento. Tal feito foi possível graças à tecnologia gerada pelo domínio do fogo, de invenções como as da roda, do arado, do vidro, a domesticação de plantas e animais e, numa espiral sem fim, ao conhecimento cumulativo que permite que o salto consolidado hoje se torne o degrau para o novo passo logo adiante.

Esse processo evolutivo da humanidade nos vem à mente no instante da 15ª edição da Expodireto, evento que se consolidou na América do Sul como das principais fontes a disseminar os avanços tecnológicos que viabilizam a agricultura que tem o desafio de alimentar bilhões de seres humanos com menor agressão ambiental possível. Anualmente as inovações geradas por instituições de pesquisa públicas e privadas e por empresas de diversas partes do Planeta, são postas à disposição de pequenos, médios e grandes agricultores, num belo exemplo de globalização positiva.

Rever a missão assumida e cumprida pela Expodireto é exercício oportuno para ressaltar a papel da tecnologia

na viabilização de um mundo mais prospero e equânime. Ao lado da educação básica, da segurança individual e coletiva, da manutenção de regras claras, duradouras e democráticas, da legalização e valorização de ativos, além de outros fatores, a tecnologia faz a diferença quando se trata de arrancar da pobreza milhões de pessoas em determinado país. Sem os avanços tecnológicos em máquinas, implementos e insumos ocorridos a partir das décadas de 1950 a agricultura mundial não teria alcançado os atuais índices de produção e de produtividade além de maiores cuidados ambientais. Assim, a tecnologia, nos contornos assumidos pela Expodireto, está entre os fatores que fazem diferença entre um agricultor pobre ou rico, entre uma Nação ser pobre ou rica, entre a existência ou não de boa estrutura de segurança alimentar.

Talvez o exemplo que melhor ilustre a importância da tecnologia para o setor agrícola – e por decorrência a iniciativa da Cotrijal em fazer a Expodireto – está na origem das plantas que atualmente alimentam a humanidade. Segundo dados do russo Nikolai Ivanovich Vavilov, especialista em genética do início do século passado, quase tudo o que o mundo come hoje tem

“Rever a missão assumida e cumprida pela Expodireto é exercício oportuno para ressaltar a papel da tecnologia na viabilização de um mundo mais prospero e equânime”.

origem em doze centros de diversidade genética. Tirante pequena região próxima ao Mar Mediterrâneo aquele que é atualmente o mundo industrializado – Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental, Japão, parcela de primeiro mundo no Brasil – é miserável em diversidade genética; por questões relativas a eras glaciais a botânica é de uma pobreza atroz.

Por ironia, a realidade é que as regiões/nações tidas como riquíssimas em genes (China, México, Andes/Peru, Oriente Próximo, Afeganistão, Indo/Birmânia, Malásia, África) são tidas como pobres e as regiões/nações miseráveis em genes (mundo industrializado) fizeram a riqueza em

cima das plantas alimentícias que foram buscar em outros recantos para não sucumbirem à fome. Isso se deve, evidentemente, à ação da tecnologia que foi capaz viabilizar o cultivo da planta em novas circunstâncias de clima e solo, por exemplo, e, também, porque, segundo especialistas, algumas plantas se desenvolvem melhor em lugar adaptado do que no seu local de origem.

O brasileiro, se tivesse que viver só com o que faz parte da biodiversidade local, teria dieta alimentar na base de amendoim, castanha-do-pará, jabuticaba, guabioba... Brasil, Estados Unidos e Europa não teriam trigo, aveia, centeio, milho, soja (e outros

grãos vitais para a população mundial), nem contariam com a extraordinária variedade de frutas e os vegetais tidos como essências para alimentação adequada de ser humano. No caso do Brasil, ainda, não teríamos essa abundância e variedade de carnes à disposição não fosse a introdução das diferentes espécies cuja origem está distante daqui e viabilizadas por conta de novas tecnologias de criação, sanidade animal, conservação e distribuição.

Como vemos, desde sempre a evolução da segurança alimentar (o mesmo ocorre também no campo saúde, só para citar outro setor vital) tem relação direta com as tecnologias que inventamos ou aperfeiçoamos. A tecnologia é quem faz a diferença. Quanto mais conhecimento é gerado, maiores avanços se consolidam e a cada ano a Cotrijal coloca tudo ao alcance dos produtores rurais para que estes possam fazer com que cada um de nós se beneficie desse processo.

É nesse contexto que se pode afirmar que há 15 anos a Expodireto se tornou essa janela fantástica do agronegócio brasileiro por onde o amanhã inovador entra visando aperfeiçoar o dia seguinte.



Índio quer apito ?

«Há pouco mais de um ano, os índios kranhakores eram arredios e só foram contatados depois de um longo e paciente trabalho dos irmãos Villas Boas. Hoje, eles não caçam e não pescam mais e praticamente abandonaram sua aldeia, passando dias à margens da rodovia Cuibá-Santarém pedindo açúcar e farinha, a mesma comida que há um ano rejeitavam e cuspiam». (Trecho da Fôlha da Manhã de 9/3/74, pg. 4). Todo brasileiro conhece o valor do trabalho realizado pelos irmãos Villas Boas (Cláudio e Orlando) na tentativa de preservar o índio. O que eles realizaram foi com uma visão de mundo muito ampla. Diferente da daqueles que acreditam que o «índio quer apito». Quando tentava o contato com os kranhakores Cláudio afirmou: «Nós podemos achar que o índio é um bruto, um estúpido, um monstro que se recusa a entrar em contato com aquele que manifesta bondade com relação a ele. Mas será que nossas mensagens são entendidas? Nós é que talvez sejamos uns estúpidos, sem noção de nada que escape ao nosso mundo». (Veja, 14/2/73).

Na mesma revista, um trecho chama atenção: «Colocar juntos seres humanos tão distintos, submeter a minoria — que exatamente por essa condição atingiu, em sua sociedade, ideais de perfeição, como a inexistência de homicídios ou roubos — a uma maioria que progressivamente aumenta a sua violência, essa é a fatalidade que os irmãos Villas Boas vislumbram num horizonte cada vez mais próximos».

Ontem um povo, uma consciência, uma história, uma cultura. Hoje, o kranhakore, «integrado» ao progresso, pede esmola numa rodovia. É um exemplo vivo do que ocorreu ao indígena, em toda a América, África, Índia, etc. A nossa civilização, os nossos deuses, a nossa cultura, os nossos vícios, tudo isso foi a herança legada àqueles homens. Nunca vistos assim pela nossa estreita visão de quem somente sabe dar badulaques.

Nascemos e fomos educados para odiar o índio. Claro, o homem «civilizado» sempre teve um esplendoroso mundo a revelar àqueles «selvagens incultos e ateus». Com nossas taras, neuroses, cegueiras e loucuras fomos conquistá-los (se isso for sinônimo de assassinato), de um lado a outro da terra. Hoje — como sempre — podemos nos orgulhar pela obra realizada. Além disso podemos ficar tranquilos: ninguém ousará condenar-nos pelos crimes cometidos. Afinal de contas, o que matamos e o que destruimos «eram apenas índios». E como tudo foi feito segundo nossas leis, não pode existir falha.

Muitos poderão argumentar que o contato era inevitável. A resposta pode ser afirmativa. Mas, na nossa estreiteza de mundo, sempre acreditamos levar vantagem. Eramos — todos acreditavam — mais inteligentes. Como se impiedade e estupidéz sejam atributos de seres inteligentes. Dizíamos: vamos libertá-los da ignorância. Esquecíamos que a nossa era superior, justamente na medida em que vomitávamos aos quatro ventos o superlativo. O índio já está dizendo adeus como civilização e nós não queremos encher garrafas que isso está nos destruindo. Nosso sadismo ainda erguerá uma taça de vinho para brindar. Finalmente os adoradores da natureza estão desaparecendo. Até nisso fica o exemplo. O índio, que precisava ser civilizado, adorava a natureza. Nós, os civilizados, estamos destruindo a natureza. Com a força da inteligência. Esquecendo que será difícil encontrar alguém que nos dê esmolas.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A esquerda sem voz, os vira-latas & os delírios

Talvez fossem 12/13 na sala. Eu tinha 15/16 anos. O cara do alto escalão veio recrutar jovens para missões especiais. Eu, nascido no Sarandi, em Palmeira arrumando troco do matine vendendo osso, armando palitos de bolão, naquele instante garçom na churrascaria do pai em Passo Fundo, aluno do ginásio posto entre os eleitos para mudar o mundo? Qual ego não estufa?

O papo cita Jesus, desafios por mundo de justiça social, opção pelos miseráveis. Lembrou-nos: "bem aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus". Foi fundo: "é mais fácil camelo passar pelo buraco da agulha do que o rico entrar no paraíso". Saímos da sala convencidos: éramos os eleitos. Uns deram o melhor da vida pela causa que lembra o cão tentando morder o próprio rabo.

Desse jeito nasciam caras de esquerda que saiam em busca do socialismo já que o capitalismo gerava mazelas. Era fácil, botávamos os bons num lado (nós) que seriam a esquerda e os maus (quem discordasse) no outro, representando a direita. Virtude, honra estavam na esquerda, pecado, ignominia na direita. Mais simplificação: Estados Unidos capitalista fonte do mal tinha apoio da elite direitista. Stálin, Lenin, Mao, Fidel eram socialistas e tinham o apoio dos caras do bem, da esquerda. Adiante o enfatiado francês Régis Debray, viria, com Guevara, incendiar a imaginação imberbe como se fossemos usuários de crack.

Nesse contexto simplório (mas tragicamente real) imagine os grupos de esquerda – que sempre brotaram como cogumelos – como tribos! Pode ser como seita, religião, mas fiquemos com o conceito de tribo. E recordem: o tribalismo também pode se referir a determinado modo de enxergar o mundo, de pensar, se comportar, no qual as pessoas são mais leais à sua tribo do que a seus amigos, seu país ou qualquer outro grupo social.

Por que refiro isso? Porque desde Marx até hoje nada de útil para o Planeta foi produzido por isso que chamamos de esquerda. Seu legado é só terror, assassinatos em massa e pobreza, muita pobreza onde governou. Sobre os velhos o conceito de tribo ajuda entender a messiânica adoração por tudo que dizem ser de esquerda. E, talvez, explique porque Verissimo, intelectual gaúcho de esquerda definiu como cães vira-latas as pessoas que saíram às ruas para protestar contra Dilma, Lula e o PT. Pode?

Ao jovem hoje encantado com a esquerda como ocorreu no passado cito o guru da luta armada dos anos de chumbo, Régis Debray. A revista Época perguntou: "A esquerda está morta?" Debray foi singelo: "Sim, na Europa pelo menos. Lá, a esquerda interfere apenas nos assuntos marginais da sociedade, como a legalização da maconha ou do casamento homossexual. Temas com repercussão na mídia, mas de menor profundidade". O sociólogo português Boaventura Souza Santos (para ele sociólogo é bom em prever o passado) afirmou: "Nos EUA o Partido Democrata é de esquerda, mas na Europa e América Latina seria considerado de direita. O Partido Comunista chinês é de esquerda? Com isso é de se perguntar: o que é esquerda?"

Pois é, se a esquerda morreu, qual a saída para superar o capitalismo. Para Debray (amigos juram que ele está com perfeita saúde mental) "o islamismo é a única oposição séria ao capitalismo". Enquanto seguirmos com tais baboseiras, presos a conceitos vazios de esquerda e direita, cegos pelo tribalismo, outra geração deixará de aproveitar as lições da história para encontrar o rumo de um mundo mais harmônico.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A esquerda sem voz, os vira-latas & os delírios

Talvez fossem 12/13 na sala. Eu tinha 15/16 anos. O cara do alto escalão veio recrutar jovens para missões especiais. Eu, nascido no Sarandi, em Palmeira arrumando troco do matine vendendo osso, armando palitos de bolão, naquele instante garçom na churrascaria do pai em Passo Fundo, aluno do ginásio posto entre os eleitos para mudar o mundo? Qual ego não estufa?

O papo cita Jesus, desafios por mundo de justiça social, opção pelos miseráveis. Lembrou-nos: "bem aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus". Foi fundo: "é mais fácil camelo passar pelo buraco da agulha do que o rico entrar no paraíso". Saímos da sala convencidos: éramos os eleitos. Uns deram o melhor da vida pela causa que lembra o cão tentando morder o próprio rabo.

Desse jeito nasciam caras de esquerda que saíam em busca do socialismo já que o capitalismo gerava mazelas. Era fácil, botávamos os bons num lado (nós) que seriam a esquerda e os maus (quem discordasse) no outro, representando a direita. Virtude, honra estavam na esquerda, pecado, ignominia na direita. Mais simplificação: Estados Unidos capitalista fonte do mal tinha apoio da elite direitista. Stálin, Lenin, Mao, Fidel eram socialistas e tinham o apoio dos caras do bem, da esquerda. Adiante o enfatiado francês Régis Debray, viria, com Guevara, incendiar a imaginação imberbe como se fossemos usuários de crack.

Nesse contexto simplório (mas tragicamente real) imagine os grupos de esquerda – que sempre brotaram como cogumelos – como tribos! Pode ser como seita, religião, mas fiquemos com o conceito de tribo. E recordem: o tribalismo também pode se referir a determinado modo de enxergar o mundo, de pensar, se comportar, no qual as pessoas são mais leais à sua tribo do que a seus amigos, seu país ou qualquer outro grupo social.

Por que refiro isso? Porque desde Marx até hoje nada de útil para o Planeta foi produzido por isso que chamamos de esquerda. Seu legado é só terror, assassinatos em massa e pobreza, muita pobreza onde governou. Sobre os velhos o conceito de tribo ajuda entender a messiânica adoração por tudo que dizem ser de esquerda. E, talvez, explique porque Verissimo, intelectual gaúcho de esquerda definiu como cães vira-latas as pessoas que saíram às ruas para protestar contra Dilma, Lula e o PT. Pode?

Ao jovem hoje encantado com a esquerda como ocorreu no passado cito o guru da luta armada dos anos de chumbo, Régis Debray. A revista Época perguntou: "A esquerda está morta?" Debray foi singelo: "Sim, na Europa pelo menos. Lá, a esquerda interfere apenas nos assuntos marginais da sociedade, como a legalização da maconha ou do casamento homossexual. Temas com repercussão na mídia, mas de menor profundidade". O sociólogo português Boaventura Souza Santos (para ele sociólogo é bom em prever o passado) afirmou: "Nos EUA o Partido Democrata é de esquerda, mas na Europa e América Latina seria considerado de direita. O Partido Comunista chinês é de esquerda? Com isso é de se perguntar: o que é esquerda?"

Pois é, se a esquerda morreu, qual a saída para superar o capitalismo. Para Debray (amigos juram que ele está com perfeita saúde mental) "o islamismo é a única oposição séria ao capitalismo". Enquanto seguirmos com tais baboseiras, presos a conceitos vazios de esquerda e direita, cegos pelo tribalismo, outra geração deixará de aproveitar as lições da história para encontrar o rumo de um mundo mais harmônico.